

Sociabilidade e Trabalho de Campo: Apontamentos sobre a viagem de Louis Agassiz ao Brasil (1865 – 1866)

Anderson Pereira Antunes*

FIOCRUZ – anderson.p.antunes@gmail.com

Quando veio ao Brasil pela primeira vez, em 1865, Louis Agassiz (1807 – 1873) já gozava de amplo reconhecimento internacional. Aos 58 anos, colecionava méritos que justificavam sua reputação e sua longa carreira nas ciências naturais. É possível citar, entre suas realizações, a descrição dos peixes coletados durante a expedição de Spix e Martius (1817 – 1821), seu trabalho ao lado de Georges Cuvier (1769 – 1832) e Alexander von Humboldt (1769 – 1859), em Paris, e a fundação do Museu de Zoologia Comparada (1859), na Universidade de Harvard, onde também atuava como professor de zoologia e geologia[i].

Embora o propósito original de sua vinda fosse se afastar do trabalho e focar na recuperação de sua saúde, que começava a apresentar sinais de fragilidade, um encontro com o empresário e banqueiro Nathaniel Thayer Jr. (1808 – 1883) mudou completamente os objetivos da empreitada. Reconhecido mecenas da Universidade de Harvard e de seu corpo docente, Thayer ofereceu financiamento completo para transformar a viagem em uma verdadeira expedição científica. Propôs não apenas custear todas as despesas de Agassiz e sua esposa Elizabeth Cabot Agassiz (1822 – 1907), mas também as de mais seis auxiliares selecionados entre os funcionários do Museu de Zoologia Comparada[ii], além de cobrir todos os gastos posteriores necessários para a organização das coleções trazidas do Brasil[iii]. Assim, começava a se formar uma das mais principais expedições científicas que visitou o Brasil durante a segunda metade do século XIX. Entre seus principais objetivos estavam a formação de uma coleção de peixes amazônicos e as investigações acerca da evolução das espécies e da glaciação nos trópicos.

Da mesma forma como a ciência praticada contemporaneamente não é uma atividade solitária, mas uma grande colaboração entre diferentes indivíduos e instituições, a ciência praticada por naturalistas viajantes no século XIX também era uma prática fortemente colaborativa. Sendo assim, angariar uma rede de colaboradores era um dos primeiros passos para viabilizar uma expedição de investigação científica, principalmente em um país distante. Devido ao seu reconhecimento e a sua capacidade de articulação[iv], não foi difícil para Agassiz reunir uma extensa rede de apoio que, além de Thayer, contava com outros financiadores, naturalistas, com autoridades norte-americanas e brasileiras, além de caçadores, escravos e habitantes dos locais visitados[v].

Atualmente é possível notar um crescente número de pesquisadores interessados na análise das interações entre os naturalistas estrangeiros e as populações dos países que visitavam, enfocando, principalmente, na circulação de um conhecimento endógeno e empírico, apropriado pelos viajantes, e na contribuição de habitantes locais para o êxito das viagens científicas. A tradicional dicotomia entre um centro produtor e uma periferia meramente receptora de conhecimentos científicos tem sido repensada, dando espaço para a reavaliação da importância do conhecimento local, para a observação da forma como este conhecimento era apropriado e traduzido pelos viajantes e para a agência dos próprios habitantes locais em meio a estas expedições[vi].

Para naturalistas viajantes, observar e registrar o conhecimento possuído pelas comunidades locais – desde as populações indígenas, passando pelos seus colonizadores e os escravos trazidos por estes – eram procedimentos comuns, previstos já nas instruções de viagens, pelo menos, desde o século XVIII. Segundo Abdalla (2012):

A população nativa dos territórios investigados era solicitada a colaborar de maneira efetiva no desenrolar prático da viagem e no (re)conhecimento da geografia local e dos espécimes da natureza. As instruções muitas vezes orientavam os viajantes para que atentassem rigorosamente aos costumes e práticas locais, pois os habitantes também poderiam fornecer informações sobre os

costumes das populações, as condições de acesso a determinados locais, os nomes de plantas, animais (e seus respectivos usos medicinais e alimentares), além de servirem de contingente humano para o avanço sobre fronteiras pouco ou nada conhecidas. A atuação de alguns indivíduos, anônimos ou não, acabou exercendo um papel nas viagens-científicas muito mais importante do que por muito tempo se imaginou e, como mostram as instruções, já estava prevista dentro de um campo prático e intelectual de atuação[vii].

Embora soubessem do valor das contribuições dos habitantes locais, é interessante notar uma disparidade na forma como este conhecimento era relatado posteriormente. Em sua comunicação entre pares, é notável a tendência dos naturalistas a omitir muitos dos auxílios recebidos, característica que pode ser atribuída tanto às regras da redação científica[viii], quanto à condição de subordinação na qual geralmente se encontravam as populações locais em meio às expedições[ix]. Por outro lado, em suas correspondências pessoais, em periódicos locais, assim como nos diários e livros de viagem, e nas imagens que os ilustravam, podemos observar que a menção a estes auxiliares era corriqueira. Tomando apenas o livro de viagem publicado pelo casal Agassiz em 1868, após o seu retorno aos Estados Unidos, é possível encontrar menção a 167 indivíduos e instituições que ativamente colaboraram com sua expedição ao Brasil[x].

Analisando sua rede de auxiliares, é possível perceber que se tratava de um grupo amplo e diversificado. Podemos encontrar importantes figuras políticas, como o próprio Imperador D. Pedro II (1825 – 1891), naturalistas profissionais e amadores, membros da elite local, barqueiros, caçadores, escravos e indígenas, que forneceram apoios dos mais variados. O relato *A Journey in Brazil* (1868) nos fornece inúmeros exemplos, longamente descritos, da participação das populações locais. No entanto, é importante ter em mente que, em seus livros de viagem, os naturalistas são os narradores de sua própria história, o que implica observar a expedição através de seus olhos. Para tentar atenuar este viés, é possível recorrer a comparação com outros registros e, no caso da expedição de Agassiz, existem muitas fontes a serem exploradas.

Pelo menos dois outros membros de sua comitiva, o geólogo Charles Frederick Hartt (1840 – 1878) e o então estudante, que posteriormente ganhou notoriedade nas áreas da filosofia e psicologia, William James (1842 – 1910), também registraram as suas impressões sobre o Brasil[xi]. O brasileiro Major João Martins da Silva Coutinho (1830 – 1889), engenheiro militar com longa experiência na exploração das regiões norte e nordeste do país, também redigiu relatórios sobre o período em que acompanhou a expedição, alguns deles publicados em periódicos da época. Nos próprios jornais também é possível encontrar diversas notas e até mesmo charges sobre a expedição de Agassiz, que nos permitem observar a percepção e recepção de uma parte do público em relação aos viajantes estrangeiros e seus interesses. É a partir da reunião e do exame destas fontes que podemos melhor analisar a equipe de auxiliares de Agassiz, seus envolvimento com a expedição e as contribuições que fizeram.

Um dos mais notórios integrantes da rede de colaboradores da Expedição Thayer foi o monarca brasileiro. Por intermédio do missionário protestante James Cooley Fletcher (1823-1901), Agassiz e D. Pedro II já haviam sido apresentados e mantinham uma constante troca de correspondências[xii]. Devido ao seu interesse pessoal pelas ciências naturais, o Imperador frequentemente se correspondia com alguns dos principais naturalistas da época[xiii]. Também é interessante notar que nutria grande curiosidade em relação aos debates sobre a questão da evolução das espécies. Por diversas vezes enviou cartas a naturalistas envolvidos na controvérsia, pedindo por informações sobre as posições que defendiam, como é possível observar através de sua correspondência com Jean Louis Armand Quatrefages de Bréau (1810 – 1892)[xiv], que assim como Agassiz foi outro notório opositor da ideia de evolução.

Em meio a rede de auxiliares reunidos no Brasil, o Imperador foi um ponto chave, pois seu interesse pela expedição ajudava a legitimá-la, a chamar a atenção da mídia impressa, a garantir livre passagem por postos alfandegários, e permitia a ampliação dos contatos entre os membros da administração governamental. Em diversos momentos, Agassiz fez referência aos benefícios que recebeu do monarca, afirmando que sua viagem científica foi tratada como uma “empreitada nacional”, adicionando que: “Desde o momento de nosso desembarque no Rio de Janeiro, o governo ofereceu todas as facilidades para a minha empreitada”[xv].

Dentre estas facilidades, vale destacar que os governantes das principais províncias visitadas por Agassiz foram avisados da chegada do visitante com antecedência, e requisitados a oferecerem todo o auxílio possível. Geralmente, isto significava a organização de um alojamento adequado para toda a comitiva, convites para festejos e excursões, a reunião de mapas e informações sobre as regiões, e até mesmo a coleta de espécimes que, muitas vezes, já estavam esperando pelo naturalista antes mesmo de sua chegada[xvi]. Devido a relação que mantinha com Pedro II, oferecer ajuda a Agassiz parecia se traduzir em uma forma indireta de prestar serviços ao próprio Imperador. Assim, políticos eminentes como os senadores Teófilo Benedito Ottoni (1807 – 1869), Tomás Pompeu de Sousa Brasil (1818 – 1877) e presidentes de províncias como o Pará, José Vieira Couto de Magalhães (1837 – 1898), e o Ceará, Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo (1837 – 1918), só para citar alguns, não só receberam os viajantes em seus gabinetes, mas também forneceram apoios diversos, sendo o principal deles a intermediação entre os viajantes e as populações das áreas onde exerciam influência.

No entanto, de todos os auxílios que recebeu do governo imperial, Agassiz frequentemente elegeu como o mais valioso a companhia do Major Coutinho. Desde que se formou pela Escola Militar, Coutinho participou de diversas expedições pelo país, geralmente com o intuito de mapear o território e de observar e relatar sobre sua natureza, clima e população.[xvii] Ao longo dos meses que acompanhou a expedição, atuou como guia, como consultor científico, como intermediário entre os viajantes e as populações locais, e como um dos mais profícuos coletores de espécimes[xviii]. Em correspondência endereçada a D. Pedro II, Agassiz afirmou:

Permita-me adicionar que, de todos os favores com os quais Vossa Majestade coroou esta viagem, o mais precioso tem sido a presença do Major Coutinho, cuja familiaridade com tudo aquilo que se relaciona ao Amazonas tem sido uma fonte inexaurível de informações importantes e indicações úteis, com as quais a perda de tempo com excursões irremuneráveis tem sido evitada. A cooperação do major durante esta jornada tem sido das mais diligentes, ele se aplicou à zoologia como se as ciências físicas não tivessem sido até então o seu objeto especial de estudo. Ao mesmo tempo, realizou inúmeras observações termométricas, barométricas e astronômicas, as quais serão importantes adições ao que já se conhece sobre a meteorologia e topografia dessas províncias[xix].

Pela experiência de suas viagens anteriores, Coutinho possuía amplo conhecimento sobre as populações locais. Passeava livremente tanto entre a elite política e econômica quanto entre os grupos ribeirinhos e indígenas com quem já havia tido contato. No entanto, os índios, em particular, lhe cativavam a atenção, principalmente pela forma como utilizavam os rios para se locomover e como faziam proveito dos produtos naturais locais[xx]. Seus conhecimentos sobre os grupos indígenas foram utilizados em prol da expedição, levando Agassiz a afirmar:

Temos a esperança de que algum dia, o major Coutinho, que, enquanto fazia suas explorações como engenheiro nos rios amazônicos também fez um cuidadoso estudo das tribos que viviam nas suas margens, irá um dia publicar os resultados de suas investigações. É a ele que devemos a maior parte das informações que temos coletado sobre este tema [os indígenas].[xxi]

Observar como se estruturou a rede de auxiliares de Agassiz no Brasil nos permite compreender o processo de expansão de uma rede de contatos e como estas eram fundamentais durante a execução de uma expedição de exploração científica, principalmente em um país desconhecido para os viajantes. Cada indivíduo adicionado tem potencial para ser não apenas um fim por si mesmo, mas também um intermediário, possibilitando a ampliação contínua da rede e a complexificação do entrelaçamento entre os seus membros.

Segundo Subrahmanyam[xxii], o papel de intermediários (*go-betweens*, no original) era fundamental no trabalho de campo praticado por naturalistas viajantes, pois possibilitava a interação entre estrangeiros e habitantes locais, apesar de suas diferenças culturais e linguísticas. O intermediário é aquele capaz de transitar entre dois mundos diferentes e sua tarefa é mediar um contato que não seria possível sem a sua presença. Embora entre a elite política brasileira do Oitocentos houvessem muitos indivíduos interessados pelas ciências, sem a influência direta do Imperador, Agassiz provavelmente não teria obtido a mesma receptividade entre os governantes das províncias que visitou. De forma semelhante, seu contato com diversos habitantes das regiões norte e nordeste, incluindo comunidades ribeirinhas e indígenas, só foi possível através do conhecimento que o Major Coutinho possuía sobre eles.

A análise de redes sociais é um foco de estudos promissor em História das Ciências[xxiii], uma vez que a ciência é uma atividade fundamentalmente social. Pensar uma expedição científica através do contato entre seus membros e as comunidades locais oferece possibilidades interessantes para a análise da sociabilidade do trabalho de campo. É evidente, neste tipo de abordagem, a importância da articulação com a população para fomentar os auxílios recebidos e as contribuições dos habitantes locais para a execução das viagens.

O estudo do conjunto de auxiliares de Agassiz e de outros naturalistas que escolheram o Brasil como destino para suas investigações, pode revelar informações importantes sobre o interesse e a abrangência da atividade científica em meio a sociedade brasileira do século XIX. Torna possível revelar, por exemplo, quem eram os principais intermediários entre os viajantes estrangeiros e as populações locais e quem eram os articuladores e facilitadores deste tipo de atividade científica. A análise do contato entre naturalistas e as comunidades locais também pode nos dar pistas sobre que tipo de relações mantiveram e de que forma indivíduos leigos, com conhecimento empírico sobre a natureza, se tornavam valiosos aliados destes homens de ciência. No caso específico da Expedição Thayer, a análise de sua rede de auxiliares deixa evidente a importância das contribuições que recebeu. Mesmo que não tenha alcançado seus objetivos de reunir fatos para refutar a teoria darwiniana da evolução ou para comprovar a existência de uma era glacial recente nos trópicos, não podemos ignorar a importância da expedição, que reuniu uma extensa coleção com mais de 76 mil espécimes levados para o Museu de Zoologia Comparada[xxiv], o que certamente não teria sido possível sem o apoio de seus auxiliares e do conhecimento que estes possuíam sobre a natureza local.

* Doutorando pela Casa de Oswaldo Cruz (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde), Fundação Oswaldo Cruz. Bolsista Capes.

[i] AGASSIZ, Elizabeth Cary (ed.). *Louis Agassiz: his life and correspondence*. Boston/New York: Houghton, Mifflin and Company. 1885. Disponível em: <<https://archive.org/details/louisagassizhis100agas>>. Acesso em: 13 maio 2016.

[ii] Os seis funcionários do museu escolhidos para compor a comitiva de Agassiz foram Joel Asaph Allen (1838 – 1921), ornitólogo; John Gould Anthony (1804 – 1877), diretor da seção de malacologia; Jacques Burkhardt (1808 – 1867), ilustrador de História Natural; Charles Frederick Hartt (1840 – 1878), geólogo; Orestes St. John (1842 – 1921), paleontólogo; e George Sceva, preparador de espécimes.

[iii] AGASSIZ, Louis. *Carta à Rose Mayor Agassiz*. Cambridge: 22 de março de 1865. p. 3. Louis Agassiz Correspondence and Other Papers, 1821 – 1877; Series I, MS Am 1419. Houghton Library, Harvard University. Disponível em: <<http://pds.lib.harvard.edu/pds/view/12379926?n=640>>. Acesso em: 13 maio 2016.

[iv] Apesar do notável tom laudatório, a biografia publicada pela esposa de Agassiz traz diversos exemplos das habilidades interpessoais e da capacidade de articulação do naturalista, que recorrem também em biografias publicadas posteriormente. Observando a grande quantidade de indivíduos reunidos na rede de auxiliares de Agassiz durante sua viagem ao Brasil, é preciso admitir que suas biografias não parecem exagerar muito quanto a este aspecto. Ver: AGASSIZ, Elizabeth Cary (ed.). *Louis Agassiz: his life and correspondence*. Boston/New York: Houghton, Mifflin and Company. 1885. Disponível em: <<https://archive.org/details/louisagassizhis100agas>> Acesso em: 13 maio 2016; IRMSCHER, Christoph. *Louis Agassiz: creator of American Science*. Boston/New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2013.

[v] A análise da rede de auxiliares de Agassiz em sua viagem ao Brasil foi tema de minha dissertação de mestrado. Ver: ANTUNES, Anderson Pereira. *A rede dos invisíveis: uma análise dos auxiliares na expedição de Louis Agassiz ao Brasil (1865-1866)*. 2015. 155 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 2015. [Orientadores: Luisa Medeiros Massarani e Ildeu de Castro Moreira]. Disponível em: <http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/dissertacao_anderson_antunes.pdf>. Acesso em: 13 maio 2016.

[vi] Ver, por exemplo: BROWNE, J. Natural History collecting and the biogeographical tradition. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. III (suplemento), 2001, pp. 959-967. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500009> Acesso em: 13 maio 2016.; CAMERINI, Jane R. Wallace in the field. Osiris, 2nd series, 1996. Disponível em: <http://www2.warwick.ac.uk/fac/arts/history/students/modules/hi916/week5/camerini_wallace_in_the_field.pdf> Acesso em: 13 maio 2016.; RAJ, Kapil. Surgeons, fakirs, merchants and craftsmen: making L'Empereur's Jardin in early modern South Asia. IN: RAJ, Kapil. Relocating modern science. New York: Palgrave Macmillan, 2007.; SUBRAHMANYAM, Sanjay. Between a rock and a hard place. Some afterthoughts. IN: SCHAFFER; ROBERTS; RAJ; DELBOURGO (ed.). The brokered world. Estados Unidos: Science History Publications, 2009.

[vii] ABDALLA, Frederico Tavares de Mello. *O peregrino instruído: um estudo sobre o viajar e o viajante na literatura científica do Iluminismo*. 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/arquivos/FredericoAbdalla.pdf>> Acesso em: 13 maio 2016.

[viii] Segundo Camerini (1996), esta omissão é típica de um estilo de redação científica entre pares que busca a realização de um relato impessoal e objetivo. Ver: CAMERINI, Jane R. Wallace in the field. Osiris, 2nd series, 1996. Disponível em: <http://www2.warwick.ac.uk/fac/arts/history/students/modules/hi916/week5/camerini_wallace_in_the_field.pdf> Acesso em: 13 maio 2016. p. 61.

[ix] Browne (2001), por sua vez, caracteriza a omissão dos auxiliares locais nos relatos como uma consequência de sua posição subordinada dentro do contexto das expedições. Ver: BROWNE, J. Natural History collecting and the biogeographical tradition. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. III (suplemento), 2001, pp. 959-967. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500009> Acesso em: 13 maio 2016. p. 962.

[x] ANTUNES, Anderson Pereira. *A rede dos invisíveis: uma análise dos auxiliares na expedição de Louis Agassiz ao Brasil (1865-1866)*. 2015. 155 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 2015. [Orientadores: Luisa Medeiros

Massarani e Ildeu de Castro Moreira]. Disponível em:

<http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/dissertacao_anderson_antunes.pdf>.

Acesso em: 13 maio 2016. p. 88.

[xi] Os registros de Hartt foram publicados pelo próprio em HARTT, Charles Frederick. *Scientific results of A Journey in Brazil by Louis Agassiz and his travelling companions*. Geology and physical geography of Brazil. Boston: Fields, Osgood & Co. 1870. Disponível em:

<<https://archive.org/details/geographyofbrazil00hartrich>> Acesso em: 13 maio 2016. William James, por sua vez, não chegou a organizar os seus escritos. Este trabalho só foi realizado, recentemente, por Maria Helena Machado em MACHADO, M. H. P. T. *Brazil through the eyes of William James: letters, diaries, and drawings, 1865-1866*. Cambridge: Harvard University Press, 2006.

[xii] As correspondências entre o monarca, Louis Agassiz e alguns de seus conhecidos em comum foram publicadas pelo Museu Imperial de Petrópolis. Ver: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Anuário do Museu Imperial de Petrópolis, vol. 13. Petrópolis: Museu Imperial, 1952.

[xiii] SCHWARCZ, Lilia M. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Anuário do Museu Imperial de Petrópolis*, vol. 13. Petrópolis: Museu Imperial, 1952.

[xiv] DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. Uma evolução não-Darwinista, no Brasil. In: PEREIRA, A. L.; DOMINGUES, H. M. B.; PITA, J. R.; SALAVERRY, O. *A Natureza, as suas Histórias e os seus Caminhos*. Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006. pp. 27-38; BRAGA, Marco; GUERRA, Andreia; REIS, José Claudio. *Breve história da ciência moderna: a belle-epoque da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

[xv] MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY. *Annual report of the trustees of the Museum of Comparative Zoology, at Harvard College, in Cambridge, together with the report of the director, 1866*. Boston: Wright & Potter, 1867. Disponível em: <

<http://biodiversitylibrary.org/page/41111987#page/3/mode/1up>>. Acesso em: 14 maio 2016. p. 15, tradução livre.

[xvi] AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. *A Journey in Brazil*. Boston: Ticknor and Fields, 1868. Disponível em: <<https://archive.org/details/journeyinbrazil00agassiz>> Acesso em: 13 maio 2016.

[xvii] SILVA, Marina Jardim; FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira, FONSECA, Vera Maria Medina. Silva Coutinho: uma trajetória profissional e sua contribuição às coleções geológicas do Museu Nacional. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, vol. 20, no.2, abril-junho 2013, pp. 457-479. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702013000200457> Acesso em 13 maio 2016; SILVEIRA, Helena Andrade da (coord.). *Inventário analítico do arquivo João Martins da Silva Coutinho*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; IBM Indústria, Máquina e Serviços Ltda., 1984.

[xviii] Segundo o relatório do Museu de Zoologia Comparada, Coutinho foi responsável pela coleção de 7 mamíferos, 1 ave, 4 répteis e 6.320 peixes. Ver: MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY. *Annual report of the trustees of the Museum of Comparative Zoology, at Harvard College, in Cambridge, together with the report of the director, 1866*. Boston: Wright & Potter, 1867.

Disponível em: < <http://biodiversitylibrary.org/page/41111987#page/3/mode/1up>>. Acesso em: 14 maio 2016.

[xix] AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. *A Journey in Brazil*. Boston: Ticknor and Fields, 1868. Disponível em: <<https://archive.org/details/journeyinbrazil00agassiz>> Acesso em: 13 maio 2016. p. 384, tradução livre.

[xx] Sobre estes temas, seus relatórios, que atualmente fazem parte do acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi, nos fornecem muitas das suas observações. Ver, por exemplo: COUTINHO, João Martins da Silva. *Apontamentos sobre a pesca amazônica, informando como procedem os pescadores, quais os tipos de pesca e modos de preparação do peixe*. Rio de Janeiro: 15 jun. 1866. Fundo Silva Coutinho, FSC, Pcm. 2, Cx. 2, p. 1. Museu Paraense Emílio Goeldi.; COUTINHO, João Martins da Silva. *Caderneta de campo, em forma de diário, contendo esboços de acidentes geográficos, vocabulário, desenhos e observações sobre índios, provavelmente escrita durante viagem ao Rio Madeira*. 1864. Fundo Silva Coutinho, FSC, Vec. 8, Cx. 5, p. 2. Museu Paraense Emílio Goeldi.

[xxi] AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. *A Journey in Brazil*. Boston: Ticknor and Fields, 1868. Disponível em: <<https://archive.org/details/journeyinbrazil00agassiz>> Acesso em: 13 maio 2016. p. 321, tradução livre.

[xxii] SUBRAHMANYAM, Sanjay. Between a rock and a hard place. Some afterthoughts. IN: SCHAFFER; ROBERTS; RAJ; DELBOURGO (ed.). *The brokered world*. Estados Unidos: Science History Publications, 2009.

[xxiii] 35. OTTE, Evelin; ROUSSEAU, Ronald. Social network analysis: a powerful strategy, also for the information sciences. *Journal of Information Science*. vol. 28, nº 6, dez. 2002, p. 441-453. Disponível em: <<http://jis.sagepub.com/content/28/6/441.short>> Acesso em: 15 maio 2016;

25. LUKE, Douglas A.; HARRIS, Jenine K. Network analysis in public health: history, methods and applications. *The Annual Review of Public Health*, nº 28, p. 69-93. Disponível em: <http://www.nihorbit.org/Shared%20Documents/Luke_2007%20ARPH.pdf> Acesso em: 15 maio 2016.

[xxiv] MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY. *Annual report of the trustees of the Museum of Comparative Zoology, at Harvard College, in Cambridge, together with the report of the director, 1866*. Boston: Wright & Potter, 1867. Disponível em: <<http://biodiversitylibrary.org/page/41111987#page/3/mode/1up>>. Acesso em: 14 maio 2016.

Layout por Ana Luisa Videira

Desenvolvido por Dype Soluções